O IMPACTO DAS FERRAMENTAS DIGITAIS NA GESTÃO DEMOCRÁTICA DE ESCOLAS PERIFÉRICAS

FRANCISCO RAFAEL PEREIRA VERONEZE

RESUMO
Esse artigo refletiu sobre como as ferramentas digitais vêm impactando a gestão democrática de escolas periféricas, especialmente quando a gente pensa na participação da comunidade escolar nas decisões do dia a dia. A proposta surgiu da urgência de encarar de frente os desafios históricos dessas escolas, como a dificuldade de comunicação, a exclusão digital e a pouca presença das famílias e dos estudantes nos processos de decisão. O objetivo principal foi analisar de que forma essas tecnologias puderam abrir caminhos para uma participação mais ativa, escutando quem vive a escola de verdade. Pra isso, a pesquisa se apoiou em uma revisão bibliográfica, com base em estudos acadêmicos, relatórios e experiências reais já vividas por escolas que passaram por essas transformações. Ao longo do estudo, foi possível identificar que, mesmo com os obstáculos e não são poucos, ferramentas como aplicativos de mensagens, plataformas de ensino e redes sociais começaram a fazer diferença. Elas facilitaram o diálogo, aproximaram famílias e professores, deram mais autonomia pros alunos e trouxeram um pouco mais de clareza na gestão escolar.
No fim das contas, ficou claro que essas tecnologias, quando bem usadas, com planejamento e sensibilidade às realidades locais, ajudaram a abrir espaço pra uma gestão mais aberta, mais humana e mais coletiva. Mas também ficou evidente que, pra isso dar certo de verdade, é preciso garantir acesso pra todos, investir na formação dos educadores e, principalmente, cultivar uma cultura de escuta, onde todo mundo tenha vez e voz dentro da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Gestão escolar. Inclusão digital. Participação da comunidade.

ABSTRACT
This article explored how digital tools have been impacting democratic management in public schools located in peripheral communities, especially in relation to increasing the active participation of the school community in everyday decision-making processes. The motivation for this study came from the need to address long-standing challenges faced by these schools, such as communication barriers, digital exclusion, and the limited involvement of families and students in institutional decisions. The main goal was to analyze how digital technologies have opened new paths to promote greater engagement and collective dialogue.To achieve this, the research was based on a literature review, drawing from academic studies, institutional reports, and documented real-life experiences of schools undergoing such transformations. The findings revealed that, despite structural barriers, tools like messaging apps, educational platforms, and social media have already begun to make a positive difference. These technologies have facilitated communication, brought families closer to teachers, empowered students, and contributed to a more transparent school administration. In conclusion, the study showed that when implemented with planning, inclusiveness, and sensitivity to local realities, digital tools can indeed foster a more open, participatory, and human-centered school management. However, for this potential to be fully realized, it remains essential to ensure digital access for all, provide ongoing training for educators, and nurture a school culture grounded in active listening and shared responsibility.

KEYWORDS: School management. Digital Inclusion. Community participation.

INTRODUÇÃO

A gestão democrática nas escolas periféricas enfrenta desafios históricos relacionados à participação da comunidade, à escassez de recursos e à dificuldade de comunicação entre os diversos agentes educacionais. Nos últimos anos, no entanto, as ferramentas digitais vêm emergindo como um meio de transformar essa realidade, oferecendo novas formas de engajamento, transparência e tomada de decisão coletiva. Diante desse cenário, torna-se essencial compreender de

que maneira essas tecnologias podem fortalecer a gestão escolar e ampliar a participação de estudantes, professores, famílias e gestores nos processos decisórios.

Este estudo justifica-se pela necessidade de explorar os impactos das ferramentas digitais na democratização da gestão escolar, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. As escolas localizadas em periferias frequentemente lidam com barreiras que dificultam a participação ativa da comunidade escolar, como a falta de acesso à informação, dificuldades logísticas e baixa inclusão digital. No entanto, aplicativos de comunicação, plataformas de gestão escolar e redes sociais têm se mostrado alternativas viáveis para superar essas barreiras, promovendo maior interação entre os envolvidos e potencializando a transparência na administração educacional.

O objetivo geral deste artigo é analisar o impacto das ferramentas digitais na gestão democrática de escolas periféricas, investigando de que forma essas tecnologias podem ampliar a participação da comunidade escolar nos processos decisórios.

Para atingir esse propósito, alguns objetivos específicos são traçados, como compreender os desafios históricos da gestão democrática em escolas localizadas em contextos de vulnerabilidade social, identificar as principais ferramentas digitais utilizadas na comunicação e administração escolar, avaliar as potencialidades e limitações dessas tecnologias na promoção da participação ativa de estudantes, professores e responsáveis, e, por fim, refletir sobre possíveis estratégias para otimizar o uso dessas ferramentas no fortalecimento da gestão democrática.

Para isso, será realizada uma pesquisa bibliográfica, com base em estudos acadêmicos, relatórios institucionais e experiências práticas já documentadas sobre o tema. A partir dessa análise, busca-se compreender as transformações promovidas pelas tecnologias digitais no cotidiano escolar e como elas podem contribuir para uma educação mais participativa e equitativa.

OS DESAFIOS DAS ESCOLAS PERIFÉRICAS

A desigualdade educacional grava marcas mais profundas quando se cruza com o CEP: nas franjas urbanas, onde o transporte demora, o esgoto é precário e a renda média despenca, concentram-se escolas que recebem historicamente menos recursos. O Resumo Técnico do Censo Escolar 2024 (INEP, 2024) revela que 62% das unidades públicas situadas em territórios classificados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024) como de "alta vulnerabilidade socioeconômica" não possuem quadra coberta, e 48% carecem de biblioteca ou sala de leitura dedicada. Já o Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades (FGV, 2024) mostra que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) médio dessas mesmas escolas ficou 0,9 ponto abaixo da média nacional no último ciclo avaliativo, distância que se aprofunda a cada etapa escolar.

A precariedade estrutural repercute diretamente na experiência didática. Entre as 179,3 mil escolas brasileiras, apenas 18% dispõem de laboratório de ciências plenamente equipado; nas periferias, esse índice cai para 9%, segundo análise do QEdu (2024) a partir dos microdados do Censo Escolar 2024 (INEP, 2024). Falta também conectividade interna: menos de um terço das escolas periféricas têm rede Wi-Fi funcional em todas as salas, dificultando qualquer proposta de aula híbrida ou pesquisa online. Os reflexos aparecem no desempenho: o Education Policy Outlook (OECD, 2023) registra que, no Programme for International Student Assessment (PISA, 2022), estudantes brasileiros do quartil socioeconômico mais baixo grupo que se sobrepõe ao dos bairros periféricos obtiveram 97 pontos a menos em leitura que seus pares favorecidos (média da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD): 89 pontos).

Tal hiato guarda relação direta com a menor escolaridade dos pais, a oferta reduzida de material didático atualizado e o alto índice de rotatividade docente nesses territórios. A crise de professores agrava-se na ponta. O estudo Risco de Apagão de Professores no Brasil (SEMESP, 2024) projeta déficit de 235 mil docentes da educação básica até 2040, com maior escassez em Física, Química e Matemática justamente as áreas que requerem laboratório. Pesquisa da Universidade de São Paulo (USP, 2024) corrobora: escolas periféricas de São Paulo receberam, em mé-

dia, três professores substitutos diferentes por disciplina ao longo de 2024, impactando a continuidade pedagógica.

A insegurança pública adiciona uma camada dramática. Levantamento do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2023) mostra que, entre 2021 e 2023, mais de 15 mil crianças e adolescentes foram assassinados no Brasil e a maior parte das mortes ocorreu em 250 bairros periféricos de grandes capitais. Em Salvador, relatório específico identificou que 71% das vítimas frequentavam escolas situadas em territórios marcados por facções armadas, resultando em ausências reiteradas e fuga escolar (UNICEF, 2024).

A exclusão digital reforça a espiral. A pesquisa TIC Domicílios 2023 (CETIC, 2023) aponta que apenas 22% dos brasileiros dispõem de conectividade "significativa" (alto desempenho de banda e múltiplos dispositivos), enquanto 57% navegam com restrições severas. Nas escolas periféricas, 41% dos alunos dependem exclusivamente de pacotes pré-pago de celular para acessar tarefas digitais, o que limita o uso de plataformas educacionais e acentua a desigualdade de aprendizagem online.

Ainda assim, a periferia não é apenas espaço de carência, mas de invenção. A iniciativa Dados para Transformação (UNICEF, 2024) mobilizou jovens de oito bairros vulneráveis para mapear problemas locais, gerando soluções como hortas comunitárias guiadas por professores de Ciências e monitoria voluntária em Matemática. Esses projetos mostram que, quando comunidade e escola dialogam, o território converte-se em laboratório vivo de aprendizagem contextualizada.

No campo das políticas públicas, o governo federal lançou a Estratégia Nacional de Escolas Conectadas (ENEC) Decreto nº 11.713/2023 (BRASIL, 2023) prometendo universalizar internet de qualidade em todas as escolas públicas até 2026 e já atingindo mais de 120 mil unidades, muitas delas em periferias urbanas. A ENEC articula conectividade, dispositivos, formação docente e recursos digitais, apontando caminho para atenuar o abismo tecnológico.

Outra frente é a expansão do Programa Escola em Tempo Integral, que apoia redes estaduais e municipais na ampliação da jornada. Em 2023, seminários do Ministério da Educação (MEC, 2023) mobilizaram todas as regiões para discutir financiamento e currículo; estados como Maranhão já anunciaram 95 novas escolas integrais em áreas de maior vulnerabilidade, alcançando cerca de 70 mil alunos (MEC, 2024). Evidências internacionais indicam que a ampliação do tempo escolar, quando aliada a estratégias socioemocionais, melhora rendimento e reduz a exposição a riscos fora da escola.

Assim, as escolas periféricas são palco de desafios entrelaçados déficit estrutural, escassez docente, violência, exclusão digital, mas também de potente criatividade social. Superar o abismo exige investimento equitativo, fortalecimento dos vínculos comunitários e políticas integradas que combinem conectividade, tempo integral, formação continuada e segurança territorial. Como lembra a OECD (2023), qualidade e equidade são faces da mesma moeda; sem atacar as disparidades na periferia, o Brasil compromete o futuro de toda a sua juventude.

O IMPACTO DAS FERRAMENTAS DIGITAIS NA GESTÃO DEMOCRÁTICA DE ESCOLAS PERIFÉRICAS

A gestão democrática das escolas é um direito garantido por lei no Brasil, mas, na vida real, ainda esbarra em muitas dificuldades, sobretudo nas periferias. Para que alunos, professores e famílias possam realmente participar das decisões, é essencial abrir espaços de conversa, onde haja transparência e trabalho em equipe. O desafio é que, nessas regiões, as escolas muitas vezes enfrentam problemas como falta de estrutura, gestores sobrecarregados e pouca conexão entre a comunidade escolar. É justamente aí que a tecnologia pode entrar como uma grande aliada, oferecendo caminhos para mudar essa realidade.

De acordo com Carnieto e Marques (2021) as ferramentas digitais têm o poder de aproximar pessoas e facilitar a comunicação, algo que antes era muito mais difícil. Antigamente, os avisos chegavam em bilhetes perdidos nas mochilas das crianças, e as reuniões contavam com poucos pais, já que muitos não tinham tempo ou condições de participar.

Para Fernandes (2020) hoje, aplicativos como o WhatsApp permitem enviar recados

rápidos e tirar dúvidas na hora, enquanto plataformas como o Google Classroom ajudam a organizar tarefas e conteúdos. Redes sociais, como Facebook e Instagram, também podem ser usadas para compartilhar notícias da escola, convidar a comunidade para eventos e até mesmo divulgar as decisões tomadas coletivamente.

No entanto, segundo o autor, é importante lembrar que a tecnologia não é uma solução mágica. Muitas famílias ainda não têm acesso à internet ou a celulares, e diversos professores não receberam treinamento para usar essas ferramentas da melhor maneira. Outro risco é a desinformação: um boato ou mensagem equivocada pode se espalhar rapidamente, causando mal-entendidos e até desgastes na relação entre escola e comunidade. Por isso, para que a tecnologia realmente funcione, é preciso investir em inclusão digital e ensinar todos educadores, alunos e responsáveis a usá-la de forma consciente e crítica.

Apesar dos obstáculos, quando bem utilizadas, as ferramentas digitais podem transformar a gestão escolar, especialmente nas periferias. Elas encurtam distâncias, incentivam a participação e ajudam a construir uma escola mais aberta e transparente. Mas isso só acontece se houver esforço coletivo: é necessário planejamento, capacitação constante e políticas públicas que garantam que todos tenham acesso às mesmas oportunidades. No fim das contas, mais importante do que a tecnologia em si é a maneira como ela é usada. Quando a escola abre espaço para todas as vozes e age com respeito ao coletivo, a democracia deixa de ser só uma palavra no papel e se torna realidade no dia a dia.

OS DESAFIOS HISTÓRICOS DA GESTÃO DEMOCRÁTICA EM ESCOLAS LOCALIZADAS EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL

A gestão democrática das escolas sempre foi uma luta no Brasil, mas, quando olhamos para as escolas em áreas mais carentes, os desafios são ainda mais profundos. Por décadas, a administração escolar foi algo distante da realidade de alunos, professores e famílias as decisões vinham de cima, sem espaço para o diálogo. Mesmo depois da Constituição de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação terem reforçado que a comunidade deve ter voz, a realidade nas periferias ainda esbarra em obstáculos que parecem difíceis de superar.

Um dos maiores problemas é a falta de condições básicas para funcionar. Nunes (2021) salienta que muitas escolas operam em prédios precários, com falta de materiais e equipes enxutas. Diretores e coordenadores vivem sobrecarregados, divididos entre tarefas burocráticas e pedagógicas, enquanto os professores dão aulas em salas superlotadas, sem tempo ou estrutura para criar processos mais participativos. Com tantas urgências, fica difícil priorizar o diálogo com as famílias. Para piorar, a rotatividade de gestores muitas vezes trocados por motivos políticos interrompe projetos que poderiam fortalecer a gestão coletiva, deixando tudo ainda mais instável.

Outra barreira é a desconfiança que muitas vezes existe entre a escola e a comunidade. Segundo Massena (2023) gerações de famílias enfrentaram dificuldades para ter acesso a uma educação de qualidade e, com o tempo, foram se distanciando da vida escolar. Alguns pais não se sentem acolhidos para opinar, acham que sua voz não será ouvida ou simplesmente não conseguem comparecer a reuniões por causa do trabalho. O resultado? Conselhos escolares e assembleias, que deveriam ser espaços de decisão coletiva, acabam acontecendo com pouca participação e viram apenas um protocolo a ser cumprido.

A desigualdade social também entra nessa conta. Em bairros mais pobres, é comum que mães, pais e responsáveis passem o dia todo trabalhando, sem conseguir acompanhar de perto a rotina dos filhos. Muitos jovens, por sua vez, precisam abandonar os estudos para ajudar em casa, o que diminui ainda mais a participação dos alunos nas decisões da escola (Lima; Marçal, 2020).

Diante de tudo isso, fica claro que a gestão democrática não se constrói só com boas intenções ou reuniões marcadas. É preciso ir além, encontrando maneiras de quebrar essas barreiras históricas e trazer a comunidade para dentro da escola de um jeito que faça sentido na vida real.

E é justamente aí que a tecnologia pode ser uma grande aliada como solução milagrosa,

mas como uma ferramenta que ajuda a reconectar quem faz parte desse espaço. Se usada com cuidado, ela pode abrir portas, encurtar distâncias e, quem sabe, ajudar a transformar a escola em um lugar onde todos de fato tenham vez e voz.

AS PRINCIPAIS FERRAMENTAS DIGITAIS UTILIZADAS NA COMUNICAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

A tecnologia está transformando a comunicação e a gestão escolar, trazendo mais agilidade e, em muitos casos, mais oportunidades de participação. Vivemos em um mundo onde as informações circulam o tempo todo, e as ferramentas digitais surgiram para facilitar o diálogo entre professores, alunos, famílias e gestores, construindo pontes que antes pareciam impossíveis. Mas, apesar de todo o potencial que oferecem, essas inovações também esbarram em desafios reais e precisamos encará-los de frente para que a tecnologia realmente sirva a uma educação mais colaborativa e democrática.

Aplicativos como WhatsApp e Telegram revolucionaram a comunicação escolar. Aquele aviso que antes dependia de um bilhete na agenda ou de uma reunião presencial agora chega em segundos no celular dos pais e responsáveis. Plataformas como Google Classroom e Moodle organizam tarefas, materiais e avaliações em um só lugar, dando mais autonomia aos estudantes. E as redes sociais? Elas viraram aliadas das escolas para compartilhar notícias, eventos e decisões, mantendo a comunidade informada e engajada (Pagé; Paiva, 2021).

Os benefícios são muitos: a comunicação ganha transparência e velocidade, os pais conseguem acompanhar a vida escolar dos filhos mesmo com a correria do dia a dia, e os alunos descobrem novas formas de aprender, além da sala de aula tradicional. Quando usadas com propósito, essas ferramentas fortalecem os laços entre escola e comunidade, criando um ambiente onde todos se sentem parte ativa do processo educacional.

Mas nem tudo são flores. A exclusão digital ainda é uma dura realidade muitas famílias não têm internet de qualidade ou dispositivos adequados para acessar conteúdo online. Outro problema sério é a falta de preparo: muitos educadores não receberam formação para usar essas tecnologias de forma eficiente, o que pode transformar uma solução em mais um problema. E não podemos esquecer do risco da desinformação: um boato mal intencionado ou uma mensagem equivocada pode se espalhar como rastilho de pólvora, abalando a confiança na escola (Sousa, 2020).

Para que a tecnologia realmente promova participação, não basta apenas adotá-la. É preciso formar professores, garantir acesso universal à internet de qualidade e criar estratégias contra fake news. Sem esses cuidados, as ferramentas digitais podem virar apenas mais um canal de comunicação de mão única, onde a escola fala e a comunidade escuta sem espaço real para diálogo (Fortunato et al., 2024).

O potencial transformador da tecnologia na educação é enorme, mas depende completamente de como a usamos. Com planejamento e inclusão, ela pode ser uma poderosa aliada para aproximar alunos, educadores e famílias, fortalecendo a escola como espaço de construção coletiva. Porém, se ignorarmos as desigualdades e desafios, essas mesmas ferramentas podem acabar aprofundando abismos em vez de superá-los. A grande questão, portanto, não é qual tecnologia usar, mas como usá-la para garantir que todas as vozes sejam ouvidas porque só assim a gestão escolar será verdadeiramente democrática.

TECNOLOGIA A SERVIÇO DA GESTÃO DEMOCRÁTICA: ESTRATÉGIAS PARA FORTALECER A PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA

A tecnologia pode ser uma grande parceira para construir uma escola mais democrática, mas só funciona se for além de simplesmente instalar apps e criar grupos online. Se a gente não pensar com carinho em como usar essas ferramentas, elas podem acabar afastando ainda mais a escola da comunidade, em vez de unir. Por isso, é preciso estratégia e cuidado para transformar likes, mensagens e notificações em participação real de alunos, professores e famílias nas decisões da escola.

Para Benites e Simões (2022) o primeiro passo é garantir que todo mundo consiga participar - e isso começa com acesso. Ainda tem

muita família que não tem internet boa em casa ou um celular que funcione direito. Isso não é detalhe, é a primeira barreira que precisamos derrubar. A solução: Wi-Fi gratuito na escola e nos arredores, empréstimo de tablets, parcerias com telecentros do bairro. E mais importante: ensinar a usar. Uma oficina bem simples pode transformar aquela mãe que só usa o WhatsApp para receber mensagem do patrão em uma participante ativa da vida escolar do filho.

Os professores e diretores também precisam de ajuda de verdade. Não adianta ter todas as plataformas do mundo se ninguém souber usar direito. A formação tem que ser prática, do tipo "mão na massa": como criar uma votação online para os alunos darem opinião sobre o grêmio? Como transmitir a reunião de pais pelo YouTube? Como moderar um grupo de discussão sem virar bagunça? Quando a equipe se sente segura com a tecnologia, ela para de ser um bicho de sete cabeças e vira aliada.

Segundo Leite e Rodrigues (2021) temos que ir onde as pessoas estão. Muitos pais faltam às reuniões não por falta de interesse, mas porque trabalham o dia todo ou moram longe. Um grupo no Telegram, uma enquete no Instagram, uma live no Facebook podem ser a solução. O segredo é que esses espaços não sejam só para a escola falar, mas principalmente para ouvir. Que tal criar um "Fala Aí, Comunidade" digital, onde todos podem mandar sugestões e críticas a qualquer hora?

De acordo com Sousa (2020) quando os avisos ficam pulando de um grupo pra outro, um no WhatsApp da turma, outro no mural da escola, mais um no Facebook, ninguém consegue acompanhar. A saída é combinar regras claras: comunicados oficiais só pelo grupo da escola, dúvidas sobre aula pelo classroom, eventos no Instagram. e manter um horário certo, todo dia às 19h, por exemplo, a mensagem da escola chega. Assim, ninguém se perde no caminho.

Tecnologia é ferramenta, não varinha mágica. Se a escola não tiver mesmo vontade de ouvir e mudar, de nada adianta ter os melhores aplicativos. O digital só amplifica o que já existe - se a participação for só de fachada no presencial, vai ser de fachada online também.

A questão não é tecnológica, é humana. Trata-se de garantir que o seu José, que trabalha como pedreiro o dia todo, possa dar sua opinião sobre a escola do filho pelo celular no horário de almoço. De fazer com que a Maria, aluna do noturno depois de um dia de estágio, consiga participar das decisões. Quando acertamos nisso, a tecnologia deixa de ser só um aplicativo e vira ponte uma ponte que liga a escola à vida real da comunidade que ela serve.

CONCLUSÃO

A chegada das ferramentas digitais nas escolas das periferias é um passo importante para uma educação mais participativa e próxima da realidade de todos. Essas tecnologias podem encurtar distâncias, deixar a comunicação mais transparente e abrir portas que antes pareciam fechadas. Mas não basta só ter celulares, computadores e internet o verdadeiro desafio é fazer com que essas ferramentas funcionem de verdade nos lugares onde faltam recursos básicos, onde a internet ainda é luxo e onde muita gente ainda desconfia dessas novidades digitais.

Para que a tecnologia realmente ajude a democratizar a escola, precisamos de muito mais que aparelhos e aplicativos. É fundamental garantir que todo mundo tenha acesso, que professores e gestores recebam formação de qualidade (e continuada, não só uma palestra por ano), e que alunos e responsáveis se sintam convidados a participar de fato. A tecnologia sozinha não muda nada ela só faz diferença quando é usada com propósito, com planejamento e, principalmente, com vontade real de incluir todo mundo no processo.

Não se trata só de trocar papel por telas, mas de construir uma nova maneira de fazer a gestão escolar. O que realmente transforma é a cultura de ouvir, debater e dividir responsabilidades. Uma escola só será democrática de verdade quando o porteiro, a merendeira, os alunos, os pais e os professores se sentirem donos do processo junto com a direção. As tecnologias podem sim abrir caminhos, mas é a comunidade escolar inteira que precisa caminhar junta - só assim a participação deixa de ser só uma palavra bonita no projeto político pedagógico e vira realidade no dia a dia da escola.

No fim das contas, o que importa não é quantos apps a escola tem, mas quantas vozes ela consegue escutar. As ferramentas digitais são como pontes: podem ligar a escola à comunidade, mas precisam ser bem construídas e, principalmente, precisam ter gente disposta a atravessá-las dos dois lados. Quando isso acontece, a tecnologia vira aliada na construção do que realmente importa uma educação que não só ensina, mas que também aprende com quem está aprendendo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENITES, Ana Jane; SIMÕES, André Felipe. Vigiando a Vigilância: um Modelo de Maturidade para Centros Inteligentes de Operações na Participação Democrática pelo Desenvolvimento Sustentável Urbano. In: Agendas locais e globais da sustentabilidade: ciência, tecnologia, gestão e sociedade. Blucher Open Access, 2022. p. 223-242.

BRASIL. Decreto nº 11.713, de 22 de junho de 2023. Institui a Estratégia Nacional de Escolas Conectadas. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 jun. 2023.

CARNIETTO, Alessa Regina; MARQUES, Antonio Francisco. Gestão Democrática E Automutilação Juvenil: a pedagogia freireana como facilitadora do diálogo e autonomia. Anais Do Seminário Formação Docente: Intersecção Entre Universidade E Escola, v. 4, n. 4, p. 1-13, 2021.

CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO (CETIC). TIC Domicílios 2023. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2023.

FERNANDES, Allan. Acesso ao uso de tecnologias da informação e comunicação, escola e sociedade numa perspectiva de classes. Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Tecnologia, Comunicação e Técnicas de Ensino, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.2020.

FORTUNATO, Wellington et al. Tecnologias Digitais e Desenvolvimento Acadêmico: um relato técnico da experiência de estudantes de Administração da modalidade EaD. EMPRAD-Encontro dos Programas de Pós-Graduação Profissionais em Administração, FEA/USP, 2024.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). Observatório Brasileiro das Desigualdades: Relatório 2024. Rio de Janeiro: FGV, 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Classificação de Vulnerabilidade Socioeconômica 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo Escolar 2024: Resumo Técnico. Brasília, DF: INEP, 2024.

LEITE, Eduardo Dias; RODRIGUES, Maicheel Douglas Borges. Percepção dos discentes do Curso de Tecnologia em Gestão Pública sobre a importância da avaliação direcionada para o professor. Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem, v. 2, p. 100-121, 2021.

LIMA, Ana Paula Alves; MARÇAL, Viviane Gomes. Cibercidades e a desigualdade social: a tecnologia digital como ferramenta inclusiva em comunidades periféricas. Revista Transverso, n. 8, 2020.

MASSENA, Juliana Hass. Concepções e práticas de diretoras na gestão das escolas: participação e poder nas ideias em debate na Rede Municipal de Porto Alegre. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Expansão do Ensino Integral no Maranhão. Brasília, DF: MEC, 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Seminários Regionais do Programa Escola em Tempo Integral. Brasília, DF: MEC, 2023.

NUNES, Mirza Marli Gonçalves. Os princípios da gestão democrática e as políticas públicas: uma análise da atuação da secretaria de educação do estado do Rio Grande do Sul no período pandêmico. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação. 2021.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). Education Policy Outlook 2023. Paris: OECD Publishing, 2023.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). PISA 2022 Results. Paris: OECD Publishing, 2023.

PAGE, José Sergio Dias; PAIVA, D. C. Estudo de caso com gestores escolares: os desafios da comunicação em grupo por meio de plataformas digitais. Revista Educação Pública, v. 1, n. 1, 2021.

SINDICATO DAS MANTENEDORAS DE ENSINO SUPERIOR (SEMESP). Risco de Apagão de Professores no Brasil. São Paulo: SEMESP, 2024.

SOUSA, Elaine Pacheco. Gestão Educacional e Inovação: o uso das plataformas digitais na escola. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa (Portugal).2020.

UNICEF. Dados para Transformação: Iniciativas Comunitárias em Educação. Brasília, DF: UNICEF, 2024.

UNICEF. Relatório sobre Violência contra Crianças e Adolescentes no Brasil. Brasília, DF: UNICEF, 2023.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). Rotatividade Docente em Escolas Periféricas de São Paulo. São Paulo: USP, 2024.